

**GRAMÁTICA(S)
E DISCURSO(S)**
ENSAIOS
CRÍTICOS

Lucas Nascimento
Tania Conceição Clemente de Souza
(organizadores)

**GRAMÁTICA(S)
E DISCURSO(S)**
ENSAIOS
CRÍTICOS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gramática(s) e discurso(s) : ensaios críticos / Lucas Nascimento, Tania Conceição Clemente de Souza (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-539-4

1. Análise do discurso 2. Língua portuguesa 3. Linguagem e línguas 4. Linguística 5. Português - Gramática I. Nascimento, Lucas. II. Souza, Tania Conceição Clemente de.

18-21963

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

Análise do discurso : Linguística 410

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto de capa: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final dos autores

bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 1 9

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	15
Ensaio 1	
HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS	31
<i>José Edicarlos de Aquino</i>	
Ensaio 2	
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA.....	67
<i>Lucas Nascimento</i>	
Ensaio 3	
MORFOLOGIA.....	93
<i>Maria Carlota Rosa e Katia Abreu</i>	
Ensaio 4	
FONOLOGIA E FENÔMENOS SEGMENTAIS IDENTITÁRIOS.....	115
<i>Gean Nunes Damulakis e Jaqueline dos Santos Peixoto</i>	

Ensaio 5	
O PROJETO CARTOGRÁFICO EM SINTAXE GERATIVA	133
<i>Simone Guesser, Flore Kédochim e Raquel Santos</i>	
Ensaio 6	
ANÁLISE LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM AMBIGUIDADE.	173
<i>Aquiles Tescari Neto</i>	
Ensaio 7	
LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS – LÉXICO, TERMINOLOGIA, ASTRONOMIA	207
<i>Cristina Martins Fargetti</i>	
Ensaio 8	
LINGUÍSTICA COGNITIVA.	221
<i>Lilian Ferrari</i>	
Ensaio 9	
LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR.	245
<i>Gleiton Matheus Bonfante</i>	
Ensaio 10	
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	269
<i>Sara Regina Scotta Cabral e Cristiane Fuzer</i>	
Ensaio 11	
SOCIOLINGUÍSTICA	307
<i>Maria Cecília Mollica, Daniela Kruse Ramos, Andreia Quadrio e Hadinei Batista</i>	
Ensaio 12	
ANÁLISE DO DISCURSO E LINGUÍSTICA INDÍGENA . . .	337
<i>Tania Conceição Clemente de Souza e Maycon Silva Aguiar</i>	

Ensaio 13	
ANÁLISE DO DISCURSO E LINGUÍSTICA EXPERIMENTAL	365
<i>Lucas Nascimento</i>	
Ensaio 14	
SOCIOLINGUÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO.....	399
<i>Lincoln Marco da Silva Salles</i>	
Ensaio 15	
A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (L1) E AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (L2).....	431
<i>Hely César Ferreira e Heloisa M. M. L. A. Salles</i>	

PREFÁCIO

Questionamentos. Debates. Críticas. Polêmicas...

Muito se tem dito a respeito da gramática, do ensino, da formação, das heranças, das aulas de língua portuguesa, afinal a gramática ainda é ensinada! Muitas são as reações por professores e alunos... Muitas também são as metodologias para abordagem da gramática e do seu ensino... Muitas ainda são as correntes e estudos linguísticos sobre *gramática...*

Em vista disso, há questionamento acerca do ensino de língua portuguesa nas escolas, assim como há questionamento sobre as pesquisas de gramática, da gramática e pela e para a gramática... pois, ao professor, ainda compete o ensino da gramática normativa para o cumprimento do que é aferido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, bem ou não, são servidos de referência para o trabalho pedagógico das demais disciplinas nos três níveis para a formação escolar dos alunos brasileiros – por exemplo.

Ao pesquisador, linguista, analista, filólogo, acadêmicos de letras, em geral, observa-se uma grande dificuldade pela militância, ou defesa, ou escusa, em relação à temática, por parte desses, do ensino da norma culta imposta devido à cultura brasileira em processo avesso a colonização linguística uma vez inaugurada. Por outro lado, no que diz respeito aos estudantes de língua que, muitas vezes, concluem as suas vidas escolares sem saberem ler e escrever adequadamente, aquele grupo de estudiosos e viventes da academia se perguntam sobre o papel do ensino da gramática. A situação é nada fácil – sempre!

Diante dessa realidade biunívoca, o professor de língua portuguesa (*ou* de língua portuguesa brasileira, *ou* de língua brasileira), dedica-se em adotar novos recursos didáticos, na esteira de acreditar no esforço de um ensino um tanto mais eficaz do que se encontra em muitas escolas públicas, hoje – por exemplo. O que é que leva o aluno a ter verdadeiramente uma aprendizagem significativa da língua portuguesa? O que é *mesmo* que leva o aluno a ter verdadeiramente um desempenho significativo da língua brasileira? *Ou*, o que é *realmente* que leva o aluno a ter verdadeiramente uma aprendizagem significativa da descolonização linguística da língua portuguesa...? Ufa – eis o português brasileiro!

Não há dúvida de que deve ensinar e desempenhar a gramática nas aulas de língua portuguesa, de língua portuguesa brasileira, de língua brasileira, embora se saiba lucidamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão normativa, tendo em vista as regras ideais, fictícias e canônicas.. É preciso ser falante de língua... É preciso ser um ser vivo falante *ou* ser um sobrevivente falante de português... É preciso oferecer condições ao sujeito falante, *ou* ainda sobrevivente, de adquirir competência para usá-la conforme a situação inaugural, usual, frequente, ocasional, vivenciada...

E é – sim – com teoria gramatical e com teoria linguística que a gramática concretizará o seu objetivo, pois, uma vez levadas a cabo, os usuários – e até mesmo os sobreviventes – demonstrarão interesse pela língua, por terem compreensão do conteúdo aferido em sala de aula, resultando, assim, em enfrentamento à estrangeiridade da própria língua materna. Eis a vitória por vir!

É mais do que necessária a ênfase crítica dos estudos linguísticos e o necessário contato do professor – não só de língua portuguesa como os demais – com a língua materna e a proposta da Linguística, vista como ciência que estuda a linguagem e seus fenômenos.

No século XXI, valorizar a língua falada é tanto urgente quanto valorizar a língua escrita, bem como valorizar o processo de atividades da fala para a escrita e da escrita para a fala. Eis os falantes, os escritores, as práticas dos usuários... Considerar a *gramática* como verdadeiramente da ordem da existência é considerar a existência da ordem do *discurso*.

Gramática nunca deveria ter recebido valoração como uma verdade única, como absoluta, muito menos acabada... porque até mesmo a colonização imperial deixou como herança frutíferos conceitos que – ora mais tarde ou mais cedo – são relativizados, para que a pesquisa viva meio às mudanças impostas pelo espaço, pelo tempo e pelo discurso. Pois é – a língua é processo e a linguagem, processamento de línguas naturais!

Nessa esteira, convidamos os autores participantes deste livro para a discussão, na total liberdade de escolha a uma, a duas, ou a nenhuma por escolha de outra, acerca de:

- (i.) assume-se que é clara a distinção entre a tarefa do gramático e a do lexicógrafo, mas estabelece-se, de um lado, como diretriz da preparação das

obras lexicográficas, que as relações gramaticais governam os resultados semânticos, enquanto se assume, de outro lado, para a preparação da gramática, que a escolha (pragmática) lexical (e portanto a semântica, desde a que vem do léxico) se acopla à organização gramatical. (Neves 2016, p. 16¹)

- (ii.) Toda gramática é, antes de tudo, portadora de um discurso sobre a língua e, por conseguinte, veicula uma ideologia linguística. Ao tentar romper com essa tradição, alguns linguistas brasileiros vêm propondo recentemente um novo discurso e uma nova ideologia, ao produzirem obras gramaticais embasadas em teorias linguísticas e não mais somente na doutrina clássica. (Bago 2016, p. 16)
- (iii.) ‘Estudar’ gramática é iniciar-se em métodos de observação e análise de fatos linguísticos, seguindo procedimentos científicos. Este objetivo pode ser atingido seguindo qualquer teoria, em tese, embora se possa demonstrar que algumas são melhores do que outras. (Possenti 2016, p. 17)
- (iv.) [...] é que o surdo acessa LIBRAS para construir a gramática do português. Por isso, muitos aprendizes, no processo de aquisição da L2, produzem as frases da L2 usando estruturas da L1. [...] A consequência é que, apesar da interferência de L1, a interlíngua não viola os

1. Caderno de resumos do VI SIELP – Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, ocorrido nos dias 19, 20 e 21 de outubro de 2016, na UFU – Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia, Minas Gerais. Realizado pelo Instituto de Letras e Linguística da UFU.

princípios da GU. Com essa análise da interlíngua, investigamos as questões gramaticais na produção de textos escritos, observando o desenvolvimento linguístico no contexto educacional. (Ferreira 2016, p. 13)

Com as discussões acima indicadas, aqui propomos espaço para sistematização de reflexões com o objetivo de apresentar ensaios críticos sobre *Gramática(s) e discurso(s)*, em diálogos ou duelos entre teorias científicas, linguísticas e/ou não linguísticas.

Esses ensaios são entendidos como ideais ou postulados críticos desenvolvidos em textos, sejam por meio de artigos, ensaios curtos ou documentados, relatos, revisitações, sínteses ou comentários.

Por fim, é de entendimento nosso que esses ensaios críticos sobre *gramática e discurso* são de acordo com a perspectiva teórica e a crítica de cada pesquisador convidado.

Lucas Nascimento

Tania Conceição Clemente de Souza

Rio de Janeiro, fevereiro de 2019.

INTRODUÇÃO

O leitor encontrará as seguintes discussões propostas em cada ensaio por seus autores:

No Ensaio 1 – *Gramática(s) e Discurso(s): história das ideias linguísticas*, Edicarlos de Aquino – UFT – busca ilustrar a maneira como a gramática é tratada no domínio da História das Ideias Linguísticas (HIL), como um instrumento linguístico que manifesta uma dimensão técnica (elementos metalinguísticos, fonético-gráficos e um conjunto de ideias sobre a linguagem as línguas) e uma dimensão político-histórica (unidade linguística promovida pelo Estado nacional).

Para ilustrar uma gramática concebida na perspectiva da HIL como produto de um mecanismo de transferência de tecnologia entre línguas, segundo o conceito de gramatização de Auroux (1992), José Edicarlos de Aquino analisa em detalhes os procedimentos do gramático brasileiro Júlio Ribeiro para compor o seu manual *Holmes Brasileiro Grammatica da Puericia* (1886), a partir do compêndio estadunidense *A Grammar of the English Language* (1878), de George Frederick Holmes.

Ao demonstrar que uma gramática não se faz de qualquer maneira (questão técnica), nem sem ligações com as problemáticas nacionais (questão político-histórica), o texto do autor mostra o movimento de composição da gramática

de Júlio Ribeiro, com base nas várias modificações que ele opera no texto de Holmes ao traduzi-lo e adaptá-lo para a escrita de uma *gramática brasileira do português*. Essa análise leva à conclusão que as várias reformulações na passagem de uma obra à outra se realizam por exigência das especificidades da ordem da própria da língua, mas que também significam um gesto de autoria do gramático sobre o conhecimento linguístico, inserindo referências nacionais no discurso gramatical, muito embora sejam mantidas, mais ou menos, as mesmas categorias gramaticais do texto fonte e, no fundo, de toda a tradição gramatical ocidental.

No Ensaio 2 – *Gramática(s) e Discurso(s): historiografia linguística*, Lucas Nascimento – Capes/MEC – se posiciona em campo com certo desenvolvimento em estudos brasileiros: a *historiografia linguística*. Curioso em *Epistemologia* e em *História das Ciências*, cujos diálogos possíveis produzem interfaces científicas necessárias, Nascimento toma como objeto empírico a *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa*, de Reis Lobato, para discussões específicas a respeito de gramatização e as partes do discurso. O texto está organizado objetivamente, observação fácil de percepção pela composição de sua macroestrutura: 1. Algumas considerações iniciais; 2. Gramatização e as partes do discurso em a *Arte da Grammatica da Língua Portuguesa*, de Reis Lobato: alguns textos relevantes para o tratamento do tema; 3. Descrição do *corpus* e dos parâmetros de análise; 4. Descrição e análise do domínio externo; 5. Descrição e análise do domínio interno; 6. Esboço interpretativo; 7. Por algumas considerações.

No Ensaio 3 – *Gramática(s) e Discurso(s): morfologia*, Maria Carlota Rosa – UFRJ e *Katia Abreu* – UERJ traçam um panorama da morfologia tomando como ponto de partida a noção de *produtividade*, (re)introduzida pela clássica obra de Mark Aronoff (1976). Consoante as autoras, essa é a base para uma discussão sobre a criação de vocabulário novo: *afinal, quantos sufixos podemos combinar em português, por exemplo?*

No Ensaio 4 – *Gramática(s) e Discurso(s): fonologia e fenômenos segmentais identitários*, Gean Nunes Damulakis e Jaqueline dos Santos Peixoto – UFRJ – abordam os usos de elementos segmentais variáveis, com a ideia de que esses *usos podem ser constitutivos da relação* entre *identidade e alteridade*. Os autores afirmam que encontros da fonologia com o discurso mais salientes são aqueles que se encontram na prosódia (força ilocucionária, contornos melódicos etc.). Entretanto, mencionam que, mesmo na fonologia segmental, é possível encontrar conexões as mais diversas com o discurso. “São essas conexões que permitem ao falante inscrever sua subjetividade na produção linguística, na qual pode expressar seu pertencimento identitário, mais fortemente salientado no momento de sua fala”.

Damulakis e Peixoto também afirmam:

A fonologia não lida com unidades dotadas de sentido, mas com unidades que podem ser relevantes para os contrastes de significado, como os fonemas, por exemplo. No âmbito segmental, a conexão da fonologia com o discurso se dá de maneira menos óbvia que com aquela estabelecida com o discurso e outros níveis da gramática. No entanto, essa conexão existe, e falaremos aqui daquela que é menos óbvia ainda: aquela estabelecida com fonologia segmental.

Os autores apresentam no texto as questões referentes a essas marcas de identidade no sistema segmental do Português do Brasil: uma delas é referente à realização variável de /S/ na coda, e outra, à distribuição das oclusivas coronais /t, d/ em *onset* silábico, evidenciando que parte da identidade do falante-sujeito pode ser associada ao uso específico de segmentos. Nesse caso, Damulakis e Peixoto indicam que essa associação é autorizada pelo sistema linguístico, estando ela, no campo segmental, circunscrita a essa permissão.

Para o tratamento da expressão de processos discursivos no sistema fonológico do PB, os autores procedem à distinção necessária entre os conceitos de marcas linguísticas identitárias e dialetais. Como explicam, “esses dois conceitos, mesmo dialogando entre si, impactam de forma diferente no comportamento linguístico do falante, que se constitui como sujeito em relação ao uso que faz de variantes segmentais”.

No Ensaio 5 – *Gramática(s) e Discurso(s): o projeto cartográfico em sintaxe gerativa*, Simone Guessser, Raquel Santos e Flore Kédochim – UFRR – explicitam como a Abordagem Cartográfica em sintaxe gerativa tem estudado fenômenos gramaticais que refletem informações do contexto discursivo em que são realizados. Para atingir essa meta, na primeira seção, apresentam um breve histórico da Abordagem Cartográfica, considerando seus pressupostos acerca da interface sintaxe-discurso. Na segunda seção, tratam da periferia esquerda e da periferia de vP, domínios sintáticos propostos, respectivamente, por Rizzi (1997, 2001) e Belletti (2001; 2004), e nos quais são codificadas informações de cunho pragmático-discursivo. Particular atenção é dada a análises apresentadas para sentenças que envolvem as noções discursivas de foco e tópico. Na sequência (seção 3), apresentam uma discussão sobre sentenças como (1B) e (2B):

- (1) A: A Joana disse que você quer comprar uma bicicleta.
B: Uma moto que eu quero comprar. (não uma bicicleta)
- (2) A: Quem comeu a minha maçã?
B: A Joana que comeu a sua maçã.

Construções como (1B) e (2B), que Guessser, Santos, Kédochim chamam de estruturas Foco+*que*, têm sido objeto de debate na literatura sobre o português brasileiro (PB). As autoras afirmam: “Isso se deve ao fato de que elas apresentam uma grande semelhança com as sentenças clivadas, as quais, nessa

língua, podem ser canônicas, como em (3) Foi a Maria que pegou o livro do Pedro, ou invertidas, como em (4) Um casaco foi que o Pedro comprou. Duas linhas de análise são apresentadas para Foco+*que* em PB. A primeira assume que esse tipo de sentença é derivado de uma estrutura clivada. A outra a analisa como uma frase simples. Ambas as linhas apresentam subdivisões. Quanto à primeira, propõe-se, de um lado, que Foco+*que* tenha uma representação em que o foco e o complementizador *que* se encontram em relação de adjacência (Resenes 2006; 2008); de outro lado, tal adjacência é refutada (Ribeiro 2011). Na segunda perspectiva, alguns trabalhos derivam Foco+*que* de uma clivada invertida (confira Braga *et al.* 2009; Kato 1996), enquanto outros propõem a derivação de uma clivada canônica (Guessser 2015). A discussão sobre qual é a análise adequada para Foco+*que* é um tópico que mostra claramente a importância de se aliar, ao estudo da sintaxe de um tipo de sentença, um olhar sobre suas funções no contexto discursivo, uma prática que tem sido constante nas pesquisas da Abordagem Cartográfica”.

Guessser, Santos, Kédochim tomam como base aspectos sintáticos e funções pragmático-discursivas de Foco+*que* no PB, para mostrar que essas sentenças devem ser analisadas como derivadas de estruturas clivadas, podendo ser formadas seja de clivadas canônicas, seja de invertidas. O ensaio se encerra com a seção 4, em que são apresentadas as considerações finais.

No Ensaio 6 – *Gramática(s) e Discurso(s): análise linguística na educação básica com ambiguidade*, Aquiles Tescari Neto – Unicamp – advoga em favor da assunção da epistemologia da Gramática Gerativa – incluindo, naturalmente, sua metodologia de descrição de dados – nas aulas de língua portuguesa da Educação Básica. Como ponto de partida, toma dois tópicos inter-relacionados (a *constituência sintática* e a *ambiguidade estrutural*), para propor um conjunto de atividades didáticas de análise linguística, especificamente de classificação dos constituintes em funções sintáticas (sobretudo adjuntos).

Na seção 2, são apresentados três casos de ambiguidade estrutural, sendo dois deles extraídos de manchetes de jornais nacionais. Na seção 3, é feita uma exposição de quatro testes tradicionalmente apresentados em manuais introdutórios de teoria sintática para a determinação da constituinte sintática. Tendo em vista esses testes diagnósticos, sugere-se, na seção 4, um conjunto de atividades a serem desenvolvidas nas aulas de gramática na Educação Básica, envolvendo manchetes ambíguas de jornais: são determinados os sentidos das manchetes ambíguas e se busca desambiguar a sentença, recorrendo à estrutura dos testes de constituinte. Parte-se, então, à classificação dos constituintes sintáticos envolvidos nas sequências ambíguas, sobretudo adjuntos adverbiais e adnominais, não somente com um objetivo puramente taxonômico, mas, sobretudo, com vistas a sugerir atividades de reflexão sobre a natureza dos constituintes e de suas funções. Argumenta-se, ao final, que uma tomada de conhecimento explícita, pelos alunos, das estruturas de sua língua lhes permite um acesso a um exercício cada vez mais pleno da cidadania, o que está na base dos documentos oficiais. O conjunto de atividades propostas, tendo em vista pressupostos da Gramática Gerativa, vai ao encontro dessa tentativa de empoderamento.

No Ensaio 7 – *Gramática(s) e Discurso(s): linguística e línguas indígenas* – *Léxico, Terminologia, Astronomia*, Cristina Martins Fargetti – Unesp – discute a possibilidade de um diálogo entre a Linguística e a Astronomia, no trabalho com populações indígenas. Sabendo que conhecimentos sobre o céu e a sua relação com a passagem do tempo, com o clima e o calendário têm sido esquecidos pelas gerações mais jovens, nas mais diversas comunidades, acredita que sua documentação e compreensão devam ocorrer o quanto antes. A autora defende que isto, muitas vezes, pode ser feito pelo linguista, quando estiver trabalhando, principalmente com o campo semântico da cosmologia. Assim, Fargetti aborda questões sobre etnografia, método de trabalho,

e Terminologia (área dos Estudos do Léxico), focalizando o saber indígena sobre a relação entre céu e terra. Esta abordagem parte do trabalho realizado entre os juruna, povo tupi, Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso.

No Ensaio 8 – *Gramática(s) e Discurso(s): linguística cognitiva*, Lilian Ferrari – UFRJ – discute a integração do discurso à análise linguística, a partir do detalhamento de aspectos cognitivos gerais relacionados à associação entre unidades linguísticas e eventos de uso. A autora destaca a complementariedade entre as propostas teóricas da *Gramática Cognitiva* (Langacker, 2001) e da *Teoria dos Espaços Mentais* (Fauconnier, 1994, 1997), para a descrição de conectivos causais em termos de convencionalização e graus de subjetividade.

Mais especificamente, Ferrari enfoca o modo pelo qual aplicações contextuais particulares dos conectivos “*por isso*” e “*portanto*” se tornam consolidadas e convencionalizadas. Esse enfoque é pela reflexão sobre a organização conceptual intrínseca de eventos de uso. Além disso, a autora recorre ao conceito de ‘Rede de Espaços Comunicativos Básicos’ (Sanders, Sanders, Sweetser, 2009), para argumentar que os referidos conectivos estabelecem relações de causa-consequência em espaços mentais distintos, engendrando *construals* mais ou menos subjetivos dos eventos descritos.

No Ensaio 9 – *Gramática(s) e Discurso(s): linguística aplicada indisciplinar*, Gleiton Bonfante – UFRJ – se volta para performances de estilização de sujeitos desejantes em apps de pegação para mapear estratégias morfológicas de estilização de si. Para tanto, o autor explica, primeiramente, o que entende por gramática (uma entidade dinâmica que é originada na linguagem em uso e não em seu ponto de partida). Sugere que essa disciplina precisa ser tocada por ideais indisciplinares e interdisciplinares, assim como abraçar uma agenda ética e política.

Bonfante defende, consoante a Fabricio (2006), a desaprendizagem de dogmas enferrujados e o desaparego de

universalismos no pensamento da gramática, em prol de poder conceitualizar o mundo contemporâneo com um instrumental analítico que não seja anacrônico e que não relute com o dinamismo e contextualidade dos fenômenos linguísticos. Em seguida, mapeia as estratégias na estilização de si discutindo como sujeitos se constroem ao empregar de forma criativa os sufixos – ão, – *inho*, – *or*, – *eira* e – *udo* para, assim, agir linguisticamente de duas formas: (a) construir seu corpo e (b) produzir afeto no corpo altero. Discute ainda os efeitos de tais atos linguísticos, assim como seu poder político.

No Ensaio 10 – *Gramática(s) e Discurso(s): linguística sistêmico-funcional*, Sara Scotta Cabral e Cristiane Fuzer – UFSM – afirmam que os seis sistemas discursivos desenvolvidos por Martin e Rose (2007), com base na obra de Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014), proveem ferramentas para que se analise qualquer porção de linguagem. A partir dos construtos dos sistemas de ideação, conjunção, identificação, periodicidade, negociação e avaliatividade, o texto das autoras busca aplicar tais categorias a uma pequena estória sobre usos e costumes de uma tribo africana, a fim de compreender melhor como as três metafunções da linguagem estão articuladas no texto. Esse procedimento, de cunho prevalentemente qualitativo, levou à conclusão de que, ideacionalmente, o texto trata de uma brincadeira proposta a um grupo de crianças para fins de investigação antropológica, o que resulta no contraponto entre atos de egoísmo e de solidariedade. O fluxo de desenvolvimento textual revela frequência maior para a apresentação da brincadeira e dos objetos citados no texto, em detrimento de semioses.

Em relação à metafunção interpessoal, além de revelar o conteúdo pedagógico do texto, Fuzer e Cabral destacam que a variedade de ocorrências de atitude mostra a instanciação do gênero relato, em consonância com a categorização de Martin e Rose (2008). Por fim, Fuzer e Cabral apresentam os resultados obtidos, que conduzem à interpretação de dois

contextos de cultura, muito diferentes, que se entrecruzam na estória: o primeiro, representado pelo mais letrado, e o segundo, caracterizado por solidariedade e altruísmo, típico do comportamento regido pelo sistema de crenças Ubuntu. As autoras trazem à conclusão que o discurso empregado, resultado das escolhas linguísticas instanciadas no texto, está carregado de significados que refletem contextos em que valores e ideologias tornam-se realidade.

No Ensaio 11 – *Gramática(s) e Discurso(s): sociolinguística*, Andreia Quadrio, Daniela Kruse Ramos, Hadinei Batista e Maria Cecília Mollica – UFRJ – demonstram a viabilidade de se estabelecer relação entre gramática e discurso sob o viés da sociolinguística. Com base na pesquisa de Ramos (2015), o Parâmetro do Sujeito Nulo (doravante PSN) constitui a variável dependente, cujas variantes ‘marcação positiva de PSN’ e ‘marcação negativa de PSN’ são investigadas em gêneros escolares, comparando-se *Exercício* e *Redação*. Ao verificar o PSN em práticas discursivas dos aprendizes, assume-se a lacuna de trabalhos na área em instituições de ensino e lançam-se as perguntas: (1) Como o aluno faz uso da propriedade Pro-drop do Português Brasileiro em gêneros escolares? (2) Há distinção de marcação do PSN quanto à escolarização, seguindo-se a estimativa ascendente das séries no percurso do letramento escolar? (3) A que variáveis independentes o PSN é sensível nos contextos analisados?

Quadrio, Ramos, Batista, Mollica apresentam que, do ponto de vista metodológico, as amostras compostas por enunciados de respostas de *Exercícios* e *Redações* são recolhidos de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Aníbal Benévolo, localizado na cidade de Rezende, Estado do Rio de Janeiro. As produções textuais selecionadas para análise se constituem dos trechos de respostas às propostas lançadas aos aprendentes nos dois gêneros em tela. Verificam-se os percentuais de empregos de construções do

Sujeito Nulo e do Sujeito Pleno e sua adequação contextual na escrita dos novíços.

Como resultados, Quadrio, Ramos, Batista, Mollica indicam que os aprendizes recorrem mais à propriedade pro-drop do Português do Brasil, empregando, em índices altos, o sujeito nulo em enunciados que atendem às questões do gênero *Exercício*. Na Redação, o aluno se mostra mais competente em diferenciar o seu texto do enunciado da proposição temática, recuperando o SN focalizado por meio de sujeito pleno, geralmente na oração inicial.

Os autores também afirmam que os resultados qualiquantitativos sugerem ainda que o aumento da escolaridade se mostra paulatinamente relevante à emergência de sujeitos plenos, embora ainda se verifique resíduo de sujeitos nulos no final do Fundamental II. Os traços [+humano] e [+animado] dos SNs são favoráveis à emergência da marcação positiva do PSN, corroborando os achados de vários trabalhos teóricos e descritivos a respeito. Quadrio, Ramos, Batista, Mollica afirmam ainda que o ‘feito gatilho’ opera como vetor eficiente ao PSN, já que o aluno se vale do SN da proposição como parte de seu contexto discursivo, especialmente em Exercícios. Desta feita, a importância de se estimular a produção de textos autossuficientes nos discentes fica comprovada, bem como a necessidade de incentivar o desenvolvimento de pesquisas que avaliem sociolinguisticamente a força de variáveis endógenas agindo nos gêneros discursivos mediados pela Escola, declaram Quadrio, Ramos, Batista, Mollica, com base em Ramos (2015).

No Ensaio 12 – *Gramática(s) e Discurso(s): análise do discurso e linguística indígena*, Tânia Clemente e Maycon da Silva – UFRJ – têm como ponto de partida a revisitação a Pêcheux (1975) no que se refere aos questionamentos sobre a constituição da Linguística em suas duas vertentes – o *formalismo* e o *sociologismo*. A partir disso, investiram esclarecimentos no trabalho com línguas indígenas, desde os anos 80, que fez com que se constatasse,

“talvez com mais pertinência”, a diferenciação de que fala Pêcheux entre fala e discurso. Justificativa ancorada, uma vez que se depararam com *a proposta de análise do discurso de uma língua de oralidade*. “As reflexões que vimos fazendo com tais estudos revelam a atualidade e a coerência das mesmas, mesmo com a oferta de novos (?) modelos linguísticos de análise” – também esclarecem Souza e Aguiar.

O texto apresenta 1. *Discurso, Sintaxe e Oralidade*, cujo caminho do binômio *sintaxe-discurso* foi pela ótica da Teoria Gerativa, pela proposta da escola funcionalista advinda de Givon (1979) e por outro campo mencionado — o da Análise do Discurso. Nesse campo, os autores afirmam que o estudo dos recursos utilizados na construção do discurso objetiva “revelar porque alguns discursos têm maior efeito de compreensão, de persuasão do que outros. Nesse caso, leva-se em conta, também, a eficácia do falante com relação ao uso da língua, visto que de seu domínio dos recursos discursivos depende seu grau de efetividade no discurso”.

A proposta de Souza e Aguiar é – na perspectiva da Análise do Discurso, com a finalidade de retirar esta reflexão da total subjetividade – revisitar fatos da sintaxe Bakairi, língua falada pela comunidade de mesmo nome, na cidade de Paranatinga, em Mato Grosso (Souza 1994, 1995, 2006, 2012, 2013).

Os autores esclarecem:

À guisa de demonstrar a contribuição de diferentes disciplinas para nossa reflexão, remetemos a Guimarães (1989), que elenca diferentes concepções de enunciado e de enunciação, noções transversais ao tratamento das onomatopeias em Bakairi. Seu objetivo é trabalhar a relação de um enunciado com outros enunciados, sem considerar, nesse exercício, a noção de língua atrelada à de sistema, uma vez que, se não procedesse dessa maneira, não poderia levar em conta a materialidade histórica da língua. A história da língua enquanto sistema faz com que

o tempo recubra apenas uma linha diacrônica de evolução, e a única solução viável para o autor é operar com deslocamentos teóricos.

Diante disso, os autores interrogam: *O que, no entanto, as posições de Guimarães (1989) têm a contribuir com a análise das onomatopeias em Bakairi?* “Parece-nos claro que, quaisquer que sejam as perspectivas lá incluídas, as criticadas e as defendidas, não descrevem satisfatoriamente os fatos do Bakairi” – afirmam Souza e Aguiar. A defesa escolhida pelos autores é a de que – para compreender e descrever o funcionamento das onomatopeias (e, semelhantemente, de outras cadeias sonoras que têm função discursiva) em Bakairi – *se parta tanto da materialidade da língua quanto da historicidade dessa materialidade para se definir, de início, o que é enunciado.*

“Esse gesto implica que o conceito de enunciado terá sua existência não a partir de um sistema que venha a acomodá-lo em uma identidade de signo, de sintagma, de frase, mas, ao contrário, de um tipo de materialidade que possa prever essa existência.” Afirmam que os contornos melódicos e as onomatopeias não se esgotam ou *como fatos de prosódia* ou *como recursos expressivos*. As onomatopeias não pertencem, em Bakairi, a uma lista fechada e idiomatizada, mas têm função e sentidos próprios: “são unidades discursivas com papel na textualidade da língua e, por isso, têm condição de enunciado”. Como não simulam aquilo que a que se referem, é difícil para um não-Bakairi a interpretação e a compreensão de uma superfície textual trabalhada pelas onomatopeias. Não se pode, contudo, ignorar a sua existência na análise e na descrição da língua, e a questão que se coloca *é como entender o seu uso e a sua abrangência significativa.*

Em 2. *Gramatização, metalíngua e oralidade*, os autores refletem sobre o processo de gramatização, segundo Auroux (1992). Levam a cabo que “Para se entender a oralidade, é

preciso estender a noção de arquivo para além do limiar da escrita e, conseqüentemente, não atrelar à invenção da escrita o desenvolvimento dos processos metalinguísticos, não atestados, segundo Auroux, nas civilizações orais.” Destacam: “A metalinguagem tem a sua inscrição em línguas de oralidade.” Afirmam: “[...] a concepção de duas línguas em Bakairi já aponta, de imediato, um traço de metalinguagem”.

Em 3. *Línguas de oralidade*, a discussão concentra esforços para a assertiva de que: “Trabalhar com uma língua de oralidade é descrever um tipo de constituição que não pressuponha a escrita como parâmetro.” Os autores alertam: *Em Bakairi, a inexistência do discurso indireto, ao lado do predomínio do discurso direto e do discurso clivado, parece sustentada em uma língua que se constitui na oralidade.* Além disso, apresentam que “a história é construída e garantida pela cadeia verbal que se atualiza entre interlocutores” e que “as marcas de atestação – formas do discurso relatado – recobrem os lugares dos enunciadores, conferidos em uma linha histórica de apropriação e de constituição da linguagem”, além de que a “repetição na língua parece ser outro dado de oralidade”.

Já em 4. *O discurso indígena*, a discussão se refere quanto à identidade do discurso indígena – que se descreve pelo modo de apropriação da posição vazia no enunciado e é regida por regras anônimas e históricas. Para os autores, o tema oralidade/metalinguagem requer uma discussão bem mais ampla, de modo a se obter deslocamento que possa sustentar o arcabouço de diversas ciências, inclusive o da *linguística* e o dos *estudos de gramática*, permitindo determinar, a um só tempo, a *abordagem* (o modelo), a *historicidade* (o parentesco) e o *imaginário* da língua.

O presente estudo reflexivo desses autores também pode recuperar a questão da historicidade da língua portuguesa falada no Brasil, em especial, no que se refere ao contato com as línguas indígenas. “Enfim, a descoberta da oralidade pela oralidade, e não a partir de sua visibilidade em línguas de escrita – lugar comum no estudo das línguas e na descrição dos

discursos –, conduz à possibilidade de se falar na constituição da materialidade histórica no interior da própria história da língua – aquela que recupera e constitui mutuamente a história do povo e da língua”.

No Ensaio 13 – *Gramática(s) e Discurso(s): análise do discurso e linguística experimental*, Lucas Nascimento – Capes/MEC – traz os compartilhamentos como interfaces mencionadas por Michel Pêcheux (em seu texto de 1984, publicação póstuma), ainda carentes de desenvolvimentos teórico-metodológicos, para que o desafio seja trabalhar investigativamente com duas teorias em modos de diálogos, a fim de obter resultados para a leitura e a interpretação da materialidade sincrética de textos modais.

Nascimento afirma que, como precursor da AD de Escola Francesa, o militante deixa como legado a necessidade de diálogos como produção epistemológica e analítica nesse campo intelectual. Com essa premissa, aqui, Nascimento apresenta possíveis diálogos da Análise do Discurso com a Linguística Experimental (o *rastreamento ocular*). O autor alerta: “Já sabemos, de antemão, que a possibilidade de diálogos não é fácil, tampouco impossível. Estamos na assertiva de que esse diálogo tem desafios e perspectivas nunca reducionistas, nem mesmo improdutivos. Pelo contrário: trata-se de uma aposta com vistas à produção de conhecimento.”

No Ensaio 14 – *Gramática(s) e Discurso(s): análise do discurso e sociolinguística*, Lincoln Marco da Silva Salles – UFRJ, partindo das questões centrais que cerca(ra)m a *cientificidade* e dos postulados saussureanos, propõe em seu ensaio, por meio de gestos de leitura, de modo crítico, a discussão que aproxima dialógica e discursivamente duas áreas do conhecimento distintas, mas que apresentam alguns pontos de/em contato, a saber, a *Análise de Discurso Francesa*, de Michel Pêcheux, e a *Sociolinguística Variacionista*, fundada por William Labov.

Os caminhos apontados por Salles revelam que uma proximidade entre ambos saberes poderá viabilizar

outras investigações, possibilitando aprofundamentos nas sistematizações então realizadas nas pesquisas linguísticas e nos estudos da/sobre a linguagem, principalmente, no que se refere à *compreensão do funcionamento discursivo*.

No Ensaio 15 – *Gramática(s) e Discurso(s): a Língua de Sinais Brasileira (L1) e Aquisição do Português Brasileiro (L2)*, Hely César Ferreira – UFTM, Heloisa M. M. L. A. Salles – UnB apresentam um estudo que vincula a gramática e o discurso. O objetivo é analisar a expressão morfossintática da estrutura argumental na interlíngua de surdos aprendizes de português L2 (escrito), observando a hipótese da interferência da L1 (LSB) no desenvolvimento linguístico.

Ferreira e Salles afirmam que o ambiente escolar adota a metodologia da educação bilíngue, desenvolvendo as atividades educacionais em uma abordagem que prioriza a LSB e a modalidade escrita da língua portuguesa como L2. Afirmam também que muitos aprendizes, no processo de aquisição da L2, produzem os enunciados com estruturas que indicam a interferência da L1.

Adotando a abordagem da teoria gerativa (Chomsky 1965, 1986, 1995), Ferreira e Salles têm como hipótese que a aquisição de L2 é mediada pela primeira língua (L1), com acesso parcial à Gramática Universal (GU) (confira White 2003). Para eles, a consequência é que, apesar da interferência de L1, a interlíngua não viola os princípios da GU.

Para a constituição *do corpus*, Ferreira e Salles adotam a metodologia experimental e transversal. Foram recolhidas sentenças produzidas pelos participantes surdos, a partir de imagens de sinais de verbos intransitivos (VI) e transitivos diretos (VID) e de imagens que descreviam episódios. Os autores relatam que os seguintes resultados foram encontrados, após a atividade experimental:

- (1) alta frequência de orações na ordem (S)V e (S) VO, o que pode ser considerado um efeito da interferência positiva, pois a LSB e o português manifestam a ordem básica SVO;
- (2) na posição de sujeito e de objeto, a realização é lexical ou nula. Nesses dados, percebemos que o uso da marcação morfológica de tempo, modo, pessoa e número, em geral, não está de acordo com o contexto gramatical.

Ferreira e Salles também verificam que muitas vezes a posição de sujeito e de objeto não é preenchida. No entanto, em verbos transitivos, afirmam que existe mais preenchimento da posição de objeto do que da posição de sujeito. Alertam: esse resultado indica o argumento interno como essencial na estrutura do verbo transitivo. Por outro lado, apresentam os pronomes pessoais como não usados nos dados da interlíngua, nem na posição de sujeito (S), nem na posição de objeto (O).

Em relação à ausência de pronomes nas sentenças produzidas, Ferreira e Salles concluem: existe um tipo de interferência negativa, em relação ao modo de representação do sistema pronominal na LSB, pois nessa língua é adotado um sistema baseado na *apontação* – por meio de um sinal específico ou de um movimento existente na estrutura do sinal (verbos de concordância). Os autores ressaltam que esse processo de marcação das pessoas do discurso é muito distinto daquele encontrado na língua alvo. Diante disso, afirmam: o *input* linguístico não foi significativo no processo acadêmico (do 4º ao 9º. ano), o que indica a necessidade de desenvolver estratégias no sentido de tornar esse *input* acessível ao aprendiz surdo de português escrito (L2).